

## AS AVENTURAS E DESVENTURAS DO LOBO FUMADOR



Um dia, no recreio, o canzarrão malvado tirou um maço de cigarros do bolso do blusão negro e propôs ao lobo mau:

— Queres um?

— Claro! — respondeu o lobão, que não queria fumar, mas tinha medo de que o canzarrão deixasse de ser seu amigo.

E foi assim que o lobão, com um certo mal-estar (sobretudo ao pensar na mãe), experimentou o seu primeiro cigarro, que o fez tossir e cuspir.

— Olha o pateta ! — troçou o canzarrão. — Come galinhas mas não sabe fumar!

A troça durou uns bons minutos, com o canzarrão a mostrar os dentes todos amarelados e podres. Este canídeo era bem estúpido, diga-se de passagem. Não é um cigarro que nos torna super-fantásticos ou super-fixes. E a amizade não tem nada a ver com cigarros. Mas o lobão achava que fumar fazia parte dos hábitos de todos os lobões que se prezem.

— Se eu fosse um pintainho, um patinho, ou uma princesinha, não teria de gramar este horror que me dá vontade de vomitar — suspirou entre dentes.

E foi assim que o lobão, que detestava o tabaco, se pôs a fumar. Segurava o cigarro entre o indicador e o polegar, semicerrava os olhos e expelia círculos de fumo, enquanto cruzava as pernas peludas. Vendo-se no espelho, dizia para si mesmo: “Olha para esta classe!”

Depois de fumar 5 cigarros, tinha deixado de tossir e cuspir. Depois de 15, já adorava o cheiro do tabaco. Depois de 42, já não podia passar sem fumar. Tudo o que no início lhe desagradara (aspirar o fumo, senti-lo descer pelos pulmões, ter a cabeça à roda, sentir um formigueiro nos dedos), tinha-se transformado num verdadeiro prazer.

Começava logo a fumar pela manhã, antes de comer o primeiro frango. Continuava ao almoço: depois do borrego recheado, acendia outro enquanto esperava para comer o galo, e acabava o maço antes da chegada da cabrinha montês. Fumar tornara-se

indispensável para ele. Até os gestos se tinham tornado indispensáveis. Chegava a fumar 40 cigarros por dia, ou seja, dois maços.

Fumava quando estava alegre e quando estava triste, quando tinha fome e quando tinha o estômago cheio, quando tinha sono e quando estava excitado. Gastava nisso todo o dinheiro que tinha. Preferia comprar tabaco a comprar um jogo de vídeo. Quando lhe diziam que o tabaco provoca cancro, que escurece os pulmões, ou impede de respirar, ria-se. Durante meio minuto ainda hesitava, mas logo acendia um novo cigarro.

Numa manhã de Primavera, o lobão ouviu na rádio que os três porquinhos tinham-se instalado nas suas casinhas feitas de tijolo, palha e madeira. Com o coração aos saltos, fumou logo uma dúzia de cigarros, para ver se lhe surgia alguma ideia. “Já sei”, pensou, “vou soprar como se fosse um tornado e deitar as casas deles abaixo. Depois, é só comer.”

No dia seguinte, o lobo mau foi à floresta. Pelo caminho, acendeu mais um cigarro. Logo um pardal protestou:

— Que cheirete! O que é isto? Uma bomba nuclear?

— Não — respondeu o corvo. — É um cigarro.

— Que idiota poluidor! E a lei anti-tabaco? — protestou a toupeira, com os dedos a apertar o nariz.

— Não viste o painel? Não sabes ler? — indignou-se o coelho, que comia uma cenoura.

O lobão ouviu, indiferente, todos estes protestos e atirou a beata para o chão, sem sequer a ter apagado. Que foleiro... Dirigiu-se à cabana de palha, em primeiro lugar. Contou até três e soprou com força, na esperança de derrubar as paredes e de comer o porquinho ali mesmo. Mas, quando abriu a bocarra, apenas um soprozinho microscópico lhe saiu da boca. Uma mosca morreu ali mesmo, devido ao hálito que saiu da bocarra do lobo. E quem caiu ao chão não foi o porquinho mais novo, mas o lobão.

Quanto mais olhava para a cabana intacta, mais ouvia a vozinha interior que lhe dizia: “Foi o tabaco que te pôs neste estado! O tabaco arruína o teu fôlego!”

Dentro da cabana, o porquinho ria-se a bom rir, porque já não precisava de se refugiar na casa do irmão do meio. E toda a floresta desatou a rir daquele lobo ridículo ... que nem sequer já podia soprar....E que em breve deixaria de poder respirar...